

Crime e pecado: versões da traição de Judas

Késia Oliveira

UFMG, Mestranda

RESUMO: Judas Iscariotes em sua transição da Bíblia para a literatura percorreu vários e inusitados caminhos. Judas experimentou, tanto na narrativa bíblica quanto no evangelho apócrifo, e em seus desdobramentos, inúmeras transformações. Por um lado, ele foi irremediável e intimamente associado ao mal, visto como o maior traidor de todos os tempos. Por outro, ele se tornou uma peça-chave para salvação da humanidade, o libertador de Cristo. Ao se recontar a narrativa da traição, alguns escritores, como Martins Pena, João Alphonsus, Miguel Sawa, Carlos Nejar, João Antônio, Gerald Messadié em contos, crônicas, peças, poesias e romances, se apropriam dessas duas vertentes interpretativas do ato de traição de Judas e as recriaram em outras possíveis leituras da versão autorizada sobre o discípulo. Este trabalho realiza uma reflexão sobre a reescrita literária do episódio bíblico da traição de Judas nos contos “Três versões de Judas” e “A seita dos trinta” de Jorge Luis Borges.

Palavras-chave: Judas; traição; reescrita.

ABSTRACT: Judas Iscariot, in his transition from Bible to literature, went through several unexpected journeys. Judas experienced a lot of changes, both in the biblical narrative and in the apocryphal Gospel and its aftermath. On one hand, he was incurable and closely associated with evil, being seen as the greatest traitor of all time. On the other, he became a key element for mankind's salvation, the liberator of Christ. When retelling the story of his betrayal, some writers, such as Martins Pena, João Alphonsus, Miguel Sawa, Carlos Nejar, João Antônio and Gerald Messadié, in their short stories, essays, plays, poetry and novels, take ownership of these two interpretative aspects of Judas' betrayal, and recreated other possible interpretations of the authorized version about the disciple. This work reflects upon the literary rewriting of the biblical episode of Judas' betrayal, in the short stories “Três versões de Judas” and “A seita dos trinta”, by Jorge Luis Borges.

Keywords: Judas; betrayal; rewritten.

Os três espíritos pendem na boca de Lúcifer são Judas, Brutus e Cássio, assim afirma Dante Alighieri em *A divina comédia*. Judas Iscariotes, assim, é o que mais sofre no nono e último círculo do Inferno, destinado aos traidores de seus chefes e benfeitores junto a Brutus e Cássio: “Esse que sofre aí pena dobrada, é Judas Iscariotes – disse o guia – a com as pernas fora e a cabeça abocada” (ALIGHIERI, 1995, p. 263).

Os círculos na obra de Alighieri são concêntricos, representando um aumento gradual da perversidade no qual o último, localizado no centro do inferno, a Judeca, é reservado para aqueles que cometeram o crime mais grave na visão do escritor italiano: a traição, o mal planejado e executado contra uma pessoa indefesa que assim se encontra por se sentir segura diante do agressor a quem confia.

Essa imagem negativa do discípulo, construída a partir da interpretação de algumas versões do relato bíblico, consolidam-no como o traidor de todos os tempos. Judas, desse modo, configura-se como um dos personagens da tradição bíblica mais referenciado na literatura. Sua traição a Jesus, e o que ela representa para o imaginário cristão, é reiteradamente desdobrada em inúmeras versões. Na ficção, por exemplo há títulos nos quais podem ser vislumbradas referências indiretas, como os personagens traidores de *Grande sertão*: veredas, de Guimarães Rosa, denominados no romance apenas de “Os Judas”, e referências diretas, nas quais ocorre uma reescrita da história da traição como em “O Judas em Sábado de Aleluia”, de Martins Pena; “Uma história de Judas” (ALPHONSUS, 2006. p. 155-158); de João Alphonsus; *Judas* de Aristides Ávila (ÁVILA, 1953); *O livro de Judas*, de Assis Brasil (BRASIL, 1970); “Malhação do Judas carioca”, de João Antonio (ANTONIO, 1975. p. 113-118); “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar (NEJAR, 1999. p. 129) e *Judas e a irmã de Jesus*, de José Fernandes (FERNANDES, 2010).

Neste trabalho, a partir desses vários textos que abordam o personagem Judas e por meio de leitura comparatista, busca-se apresentar duas versões da traição bíblica elaborada por Jorge Luis Borges nos contos “Três versões de Judas” (BORGES, 1998. p. 573-577), que coloca em um mesmo plano vários pontos de vista sobre o discípulo e “A seita dos trinta” (BORGES, 2009. p. 51-54), no qual, de certa forma, se reafirma um papel redentor do apóstolo. Nessas narrativas, ao contrário da imagem proposta por Alighieri, a especificidade dos textos de Borges parece se revelar a partir de certo elogio a Judas, que passa a ser representado como uma figura positiva devido à traição a Jesus.

Sua delação, nessa perspectiva, se configura como um ato heroico, o cumprimento de uma profecia.

De acordo com a tradição judaico-cristã, Judas Iscariotes é filho de Simão, diferente, portanto, não é o mesmo São Judas Tadeu, padroeiro de causas difíceis. Na oração de São Judas Tadeu, essa distinção é explícita, a título de esclarecimento (para ser dita em grandes aflições ou desamparo:

S. Judas Tadeu, glorioso Apóstolo, fiel servo e amigo de Jesus, o nome do traidor é causa de serdes esquecido por muitos, mas a Santa Igreja honra-vos e invoca-vos universalmente como padroeiro de casos desesperados e sem remédio.

Intercedei por mim, que sou tão miserável; ponde em prática, eu vô-lo rogo, o privilégio particular que vos é concedido, a fim de trazer ajuda pronta e visível onde isso é quase impossível.

Vinde valer-me nesta grande aflição para que eu possa receber as consolações e socorros do Céu em todas as minhas necessidades e sofrimentos (aqui dizer a graça que se deseja obter), e que eu possa bendizer a Deus convosco e com todos os eleitos por toda a eternidade.

Eu vos prometo, bem-aventurado S. Judas Tadeu, ter sempre presente esta grande graça e não cessar de honrar-vos, como meu especial e poderoso padroeiro e farei quanto possa para espalhar a devoção para convosco. Assim seja.

S. Judas Tadeu, rogai por nós e por todos os que vos honram e vos invocam.

O traidor, além de tudo, é culpado dos fiéis se esquecerem do “glorioso apóstolo”, por isso, a oração se inicia por fazer a diferença entre os dois apóstolos e a reafirmação da Igreja como responsável por sua honra.

Encarregado de guardar a bolsa que continha o dinheiro usado para as despesas do grupo, e, por isso, acusado por alguns evangelistas de ser um ladrão, Judas, o traidor, teria entregue Jesus às autoridades, sendo responsável pela prisão e execução de seu mestre. Segundo um dos relatos bíblicos, ele teria cobrado 30 moedas por sua delação realizada por meio de um beijo.

A descrição de Judas e de seu crime não é homogênea nos evangelhos canônicos (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). No *Evangelho segundo Marcos*, o apóstolo é visto apenas como um traidor, já no *Evangelho segundo João*, o discípulo é descrito como um ladrão: “Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?” Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto” (Jo 12:4-7). O discípulo aparece ainda associado à figura do diabo: “Não vos escolhi, eu, aos doze? No entanto, um de vós é um diabo. Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes. Este, um dos Doze, o haveria de entregar.” (Jo 6:70-71).

Apesar de esses trechos consolidarem uma imagem maligna do discípulo, conforme ressalta o teólogo Fernando Altemeyer, Judas não foi o único apóstolo a trair Jesus: “os outros também o fizeram, ao abandonar o mestre. Pedro, por exemplo, negou o amigo três vezes. O único a levar a culpa, no entanto, foi Judas.” (HAMA, 2015). Quanto a seu fim, segundo o imaginário popular, inspirada na versão do *Evangelho segundo Mateus*, Judas teria se enforcado em uma árvore após devolver as moedas recebidas dos sacerdotes. Já *Atos dos Apóstolos*, tem-se outra versão: com o dinheiro recebido, Judas teria comprado uma Terra, um Campo de Sangue, onde ali acabou com sua vida.

Há, ainda, outras variantes sobre a história de Judas reunidas em um evangelho considerado apócrifo que leva seu nome e em fragmentos de outros textos. Nos fragmentos, datados entre os séculos 5 e 7, Judas é retratado como o traidor, um judeu, assim como o seu povo, que negou Jesus. Nesse sentido, a figura de Judas torna-se também uma metáfora, um estigma de traição, estendido erroneamente a todos os judeus.

Já em seu evangelho, um manuscrito egípcio descoberto nos anos setenta atribuído a autores gnósticos e escrito, aproximadamente, entre os séculos 3 e 4, o vilão do Segundo Testamento é visto como o discípulo mais sábio e mais amado. Traduzido e publicado em 2006 pela *National Geographic Society*, o evangelho apócrifo de Judas revela o discípulo como o libertador de Cristo. O apóstolo, nesse texto, aparece como participante de um plano divino e o único a compreender de fato a missão de Jesus. Partindo dessas tradições, os contos de Borges parecem especular sobre a reversibilidade dos papéis do traidor e do herói.

“Não uma coisa, todas as coisas que a tradição atribui a Judas Iscariotes são falsas” (BORGES, 1998, p. 574), assim define o

personagem Nils Runeberg na epígrafe atribuída a Thomas De Quincey de seu fictício livro. Teólogo e filósofo, autor dos livros *Kristus och Judas* e *Den hemlige Frälsaren*, Runeberg, no conto, possui três teses sobre Judas que desmistificam o caráter de traidor atribuído ao discípulo pela narrativa bíblica e apontam-no como integrante de um plano de salvação da humanidade.

Em sua primeira tese, a partir da suposta afirmação De Quincey, o personagem defende que “Judas entregou Jesus Cristo para forçá-lo a declarar sua divindade e a deflagrar uma vasta rebelião contra o jugo de Roma” (BORGES, 1998, p. 574). Se as versões do *Evangelho segundo Mateus* e do *Evangelho segundo Marcos* estabelecem a traição de Judas à possível ganância do discípulo – que teria traído o seu mestre, recebendo por isso a quantia de trinta moedas de prata, o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* atribuem a traição a uma influência demoníaca. Assim, a primeira versão de Judas de Runeberg permite ao leitor retomar as referências bíblicas e apócrifas sobre o motivo da traição de Judas.

Na segunda tese, presente na versão já revisada de *Kristus och Judas*, os argumentos são trocados e afirma-se que Judas foi o mais sacrificado de todos, ao optar pela delação, renunciou à honra e ao bem: “Judas procurou o Inferno, porque a felicidade do Senhor lhe bastava”, afirma Runeberg (BORGES, 1998, p. 575). Em sua última tese, presente em *Den hemlige Frälsaren*, argumenta-se que Deus se torna humano e escolhe vir como Judas para sua encarnação:

Deus se fez totalmente homem, porém homem até a infâmia, homem até a reprovação e o abismo. Para nos salvar, pôde escolher qualquer dos destinos que tramam a perplexa rede da história; pôde ser Alexandre ou Pitágoras ou Rurik ou Jesus; escolheu um infimo destino: Judas (BORGES, 1998, p. 576).

Diante da natureza controversa dos seus textos, Runeberg morre no anonimato, e assim finda o conto. Suas teses que podem ser vistas como uma espécie de elogio a Judas, possibilitam, ao leitor, inferir outras possíveis versões de Judas na ficção. Em “A seita dos trinta”, a história parte de um texto encontrado, de autoria anônima:

O manuscrito original pode ser consultado na Biblioteca da Universidade de Leiden; está em latim, mas algum helenista justifica a conjectura de que foi traduzido do grego. Segundo Leisegang, data do século IV da Era Cristã. Gibbion menciona-o, de passagem, numa das notas do capítulo 15 no seu *Decline and Fall*. Reza o autor anônimo (BORGES, 2009, p. 51).

O início do conto já coloca em cena uma das estratégias narrativas utilizadas por Borges na composição de sua ficção: a referência a outros textos, as ideias do manuscrito e da tradução. O narrador coloca no mesmo plano Jesus e Judas, expandindo o texto bíblico e invertendo o sentido da traição, como se pode ver na justificativa do nome do grupo:

A divina misericórdia, à qual devo tantas mercês, permitiu-me descobrir a autêntica e secreta razão do nome da Seita. Em Kerioth, onde provavelmente nasceu, perdura um conventículo que se alcunha dos Trinta Dinheiros. Esse nome foi o primitivo e dá-nos a chave. Na tragédia da Cruz – escrevo-o com a devida reverência – houve actores voluntários e involuntários, todos imprescindíveis, todos fatais. Involuntários foram os sacerdotes que entregaram os dinheiros de prata, involuntária foi a plebe que elegeu Barrabás, involuntário foi o procurador da Judeia, involuntários foram os romanos que ergueram a Cruz do Seu martírio e cravaram os cravos e deitaram sortes. Voluntários só houve dois: o Redentor e Judas. Este rejeitou as trinta moedas que eram o preço da salvação das almas e logo se enforcou. Contava então trinta e três anos, como o Filho do Homem. A Seita venera-os por igual e absolve os outros (BORGES, 2009, p. 54).

Os detalhes dessa seita são retratados a partir do comentário, sempre sujeito à desconfiças, do narrador acerca da interpretação do relato bíblico por parte dos sectários: “O conselho de vender o que se possui e dá-lo aos pobres é acatado rigorosamente por todos; os primeiros beneficiados o dão a outros e estes a outros. É esta a explicação suficiente da indigência e da nudez que também a vizinha do estado paradisíaco” (BORGES, 2009, p. 52).

O texto referenciado parece ser uma citação ao *Evangelho de Mateus* no qual Jesus fala a um jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai,

vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mc 19:21). Nesse sentido, nota-se que o narrador parece ironizar a proposição bíblica: se o sentido bíblico poderia ser uma exortação de que os homens não deveriam se apegar às riquezas, tal passagem é usada pelos membros da seita como justificativa do costume de andar nus, pois “dizimados pelo ferro e pelo fogo, dorme à beira dos caminhos ou das ruínas que a guerra poupou, já que lhes é proibido construir moradias. Costumam andar nus” (BORGES, 2009, p. 52). Nessa perspectiva, o narrador apresenta uma seita que leva, ironicamente, as doutrinas do cristianismo às últimas consequências, ou, como se diz, ao pé da letra.

As reescritas da traição de Judas elaboradas por Borges nos textos aqui analisados evidenciam o caráter da escrita literária como um trabalho de citação, como propõe Antoine Compagnon, tendo em vista que as referências à história do personagem bíblico demonstram as transformações pelas quais passa a narrativa bíblica, como explicações, expansões e reinvenções. Ao reescrever a história da traição de Judas, o escritor argentino simultaneamente retoma uma tradição e apontam para o desdobramento da história do personagem bíblico em versões que são, às vezes, transgressoras, por vezes, até conflitantes, como visto nos contos estudados.

Se “toda modificação é sacrílega”, como queria Jorge Luis Borges no ensaio “As versões homéricas” (BORGES, 1998, p. 256), toda reescrita engendraria uma ruptura, uma traição. Sendo assim, a literatura, como um signo sempre duplo e, por isso mesmo, ambíguo, entre a perspectiva do traidor e a do traído, se configuraria enquanto versão, ou versões, sem a pretensão, de se afirmar como texto total e definitivo.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena Editora, 1995. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Vários tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Jorge Luis. Três versões de Judas. Trad. Carlos Nejar. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges. Ficções*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. v. 1, p. 573-577.

BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Trad. Josely Vianna Baptista. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges. Discussões*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. v 1, p. 255-260.

BORGES, Jorge Luis. A seita dos trinta. In: _____. *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras Janeiro: Globo, 2009. p. 51-54.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

JUDAS. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. The Gospel of Judas. Estados Unidos: National Geographic, 2006. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/lostgospel/_pdf/GospelofJudas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.